

Questão de dosagem

A **BALANÇA** comercial apresentou em junho um déficit ainda muito elevado (US\$ 775 milhões), mas para os próximos meses é esperada uma queda acentuada no ritmo das importações.

O **MERCADO** consumidor brasileiro não está dando vazão à grande quantidade de veículos que os importadores têm estocados, o que desestimula novas encomendas no exterior. As próprias montadoras instaladas no país reviram suas políticas de importação: a Fiat, por exemplo, anuncia que já em novembro estará produzindo o Tipo em sua fábrica de Betim, com um índice de nacionalização de 50%.

O **VALOR** da importação de petróleo também vai diminuir a curto prazo, porque os preços internacionais do produto baixaram, em média, cerca de dois dólares por barril. Além disso, as importações em abril, maio e junho foram propositalmente altas por causa da prolongada greve dos petroleiros. Como a produção nacional está

crescendo rapidamente, os estoques poderão ser refeitos sem necessidade de importações maciças.

AUTOMÓVEIS e petróleo responderam pela maior parcela do déficit de US\$ 4,2 bilhões acumulado no primeiro semestre. Neutralizadas as pressões desses dois itens de peso, pode-se prever para a segunda metade do ano uma balança comercial mais equilibrada.

AS **CONTAS** externas do país já absorveram o efeito do déficit comercial até agora registrado. Em maio, a perda de reservas cambiais foi estancada, e desde então elas entraram em processo de recuperação. Do ponto de vista cambial, portanto, a balança comercial não deverá causar impacto negativo a curto prazo. As novas importações estão sendo financiadas e isso significa entrada de recursos na conta de capital do balanço de pagamentos do país.

O **IMPORTANTE** é que a taxa de crescimento das exportações volte a ser supe-

rior à das importações, para assegurar um equilíbrio estrutural prolongado na balança comercial. A crise mexicana deixou claro que países em desenvolvimento que apresentam déficits comerciais por muito tempo correm o risco da fuga de capitais.

DEVE-SE reconhecer que é alto o preço da interrupção na sucessão de déficits: deve-se reduzir a velocidade de crescimento da economia. O Brasil tem potencial para crescer a taxas de 10% ao ano — como ficou evidenciado nos primeiros meses do Plano Real — mas foi preciso pôr o pé no freio para não comprometer as contas externas.

NO entanto, é possível crescer de 5% a 6% ao ano com equilíbrio no balanço de pagamentos e moeda estabilizada. Esse ritmo seria suficiente para proporcionar considerável aumento da renda dos brasileiros, uma vez que a população do país atualmente se expande a menos de 1,2% ao ano. O desafio, portanto, é ajustar a economia a essa dosagem e sustentá-la ao longo do tempo.